

**REALISMO E VIOLÊNCIA NO CONTO “AS COISAS QUE
PERDEMOS NO FOGO”, DE MARIANA ENRIQUEZ**
*Realism and violence in the short story “The things we lost in fire”, by
Mariana Enriquez*

Marcos Antônio Fernandes dos SANTOS
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
marcossantos@professor.uema.br
<http://orcid.org/0000-0002-6892-5056>

Emanoel César Pires de ASSIS
Universidade Estadual do Maranhão
emanoel.uema@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0001-7377-8540>

RESUMO: O presente artigo propõe, a partir de uma leitura do conto “As coisas que perdemos no fogo”, da escritora argentina Mariana Enriquez, analisar de forma crítica a construção de novos realismos e a configuração da violência presente na literatura contemporânea. Para a construção teórica que sustentou as discussões levantadas, foram utilizados autores tais como Figueiredo (2012), Ginzburg (2013), Mendes (2015), Schøllhammer (2012), entre outros. Tal leitura evidencia que a escrita literária está cada vez mais em contato com a realidade social, que representada através da palavra assume novos contornos, tornando instáveis as próprias fronteiras entre realidade e ficção. **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura contemporânea; Leitor e obra; Realismo; Representação da violência.

ABSTRACT: This article proposes, from a reading of the short story “The things we lost in the fire”, by the Argentine writer Mariana Enriquez, to critically analyze the construction of new realisms and the configuration of violence present in contemporary literature. For the theoretical construction that supported the discussions raised, authors such as Figueiredo (2012), Ginzburg (2013), Mendes (2015), Schøllhammer (2012), among others, were used. This reading shows that literary writing is increasingly in contact with social reality, which represented through the word takes on new contours, making the very boundaries between reality and fiction unstable. **KEYWORDS:** Contemporary literature; Reader and work; Realism; Representation of violence.



INTRODUÇÃO

No cenário atual em que vivemos, basta um olhar atento e crítico para se compreender a crise e as situações conflituosas em que nos encontramos imersos. As profundas transformações sociais implicaram/implicam nas relações pessoais e na configuração dos diferentes espaços e aspectos que permeiam a vida cotidiana. Assim sendo, as diversas manifestações artísticas são influenciadas pela social e, apesar de em suas gêneses serem descompromissadas com o real, hodiernamente tendem a representar, até certo ponto, diversos aspectos dele.

Já não há mais como desvincular o plano real em que nos movimentamos das produções a que nos empenhamos em dar vida. O artista é inspirado e instigado pelas experiências e devaneios que constituem a sua existência. Existir é condição necessária para a criação. A nível universal, é possível constataremos diversas influências do social e de fatores que envolvem sua atmosfera nas produções artísticas contemporâneas, seja na pintura, fotografia, na música, na literatura e etc. No que diz respeito à última, mesmo reconhecendo seu caráter ficcional, ainda é possível perceber criações que buscam empréstimos em fatos reais e de natureza biográfica.

A história de um povo e o contexto histórico-social de determinada época são fatores que não podem ser deixados de lado, se consideradas produção, recepção e compreensão de obras artísticas, incluindo-se aí os textos literários. Diante de tais compreensões, mantém a consciência de que as grandes narrativas (epopeias clássicas) sofreram intensas transformações em decorrência do tempo, sejam em sua estrutura ou no conteúdo, dando espaço a novas narrativas que se adaptaram ao estilo e às tendências do momento em que foram concebidas.

Assim, pode-se dizer que a literatura é mutante, e são as mutações que ela sofre que conferem um caráter de atualização aos textos tanto em prosa quanto em poesia. Também é importante destacar o papel do narrador e o seu lugar enquanto estrutura textual que evidencia os diferentes níveis do real. Muitos escritores, quando empunham a caneta para escrever suas ficções, debruçam-se em nos mostrar outra face de nossas percepções sobre o mundo. Na literatura, escritoras como a argentina Mariana Enriquez, que também é jornalista e professora, narram histórias que nos deixam inquietos e que revelam os lugares mais repugnantes em que o ser humano pode viver e/ou chegar.

A violência, a título de exemplo, é um dos principais aspectos representados não só pela autora, mas, também, por diversos outros escritores e escritoras que vêm marcando lugar de destaque na literatura contemporânea: “é inegável que a violência, por

qualquer ângulo que se olhe, surge [...] como um elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, interfere também na experiência criativa e nas expressões simbólicas [...]” (PELLEGRINI, 2008, p. 42).

Tal presença é facilmente explicada pela onda de violência a que nos encontramos à mercê diariamente. Seja como forma de denúncia ou em busca de uma reflexão sobre essa condição, a apresentação da violência na ficção coloca em evidência as novas perspectivas dos realismos, que se propõem a construir novos universos através da linguagem literária em contato com a vida social.

A perspectiva analítica adotada por nós nesse trabalho nos ajuda a compreender a obra enquanto objeto que mantém um profundo relacionamento entre o aspecto estético textual e o social, evitando paralelismos ou tentativas de achar em um aquilo que se manifesta no outro como um simples exercício de localização de informação. Para além disso, compreendemos, na perspectiva defendida por Candido (2006), que o textual e o social se entrecruzam e, nesse sentido, importa-nos destacar como o escritor contemporâneo toma o elemento social como “fator da própria construção artística” (CANDIDO, 2006, p. 16), ou seja, aqui a violência deixa de ser tomada apenas como temática, para ser compreendida, também, como constituinte da narrativa.

Dessa forma, este trabalho objetiva analisar de forma crítica a construção de novos realismos, baseado nos estudos da configuração da violência no conto “As coisas que perdemos no fogo” (ENRIQUEZ, 2017), presente na obra que leva o mesmo título. A obra, traduzida para o português e publicada no Brasil pela editora Intrínseca, é composta por um total de doze contos que se mesclam entre o efeito de horror e a representação da violência. Inicialmente, podemos julgar que as narrativas que compõem o livro são apenas relatos surreais. No entanto, se analisadas com atenção, somos capazes de perceber a ampla significação de cada uma delas. Ainda mais, através de um olhar mais apurado, são percebíveis estreitas relações com o mundo que nos rodeia, transfigurado para o texto literário, na perspectiva estrutural também, e que nos apresenta um cotidiano estranhamente cruel.

O REALISMO NA LITERATURA

O Realismo, enquanto estética literária, surgiu na Europa, por volta do final do século XIX, e mesmo com uma série de mutações nos pressupostos que o identificam, ainda permanece de pé através de novas formas. O termo realismo, identificado enquanto característica do literário, carrega muito mais a premissa de postura ou ideologia que se pretende apresentar através da arte, conforme apontam autores como Figueiredo (2012)

e Schøllhammer (2012). Tendo em vista tal concepção, é possível afirmar que sendo uma postura, o realismo é histórico e, nas obras de ficção, constitui um aspecto relevante para a compreensão da estrutura narrativa e dos universos aos quais se relaciona.

A narrativa realista, por outro lado, nasce do ideal da objetividade, centrado na tentativa de representação verossímil do real. No entanto, tal ideal se tornara, de certa forma, fruto de contradições, uma vez que a busca por tal objetividade não comporta o perfil subjetivo próprio do fazer literário. Assim sendo, um certo ceticismo formou-se em torno da ilusão objetiva no trato aos temas. De fato, o realismo na literatura é ao mesmo tempo verossímil e falso, como afirma Figueiredo (2012, p. 120). Para tanto, o novo realismo assume novas posturas, com diversas possibilidades de expressão, o que em grande parte tem a ver com as rupturas efetivadas pelos ideais modernistas, conforme destaca Mendes (2015, p. 47).

Entre essas novas posturas, por exemplo, uma vertente do realismo bastante valorizada é a proximidade do narrador com os fatos narrados, o que acaba conferindo uma credibilidade maior à narrativa, aproximando o leitor do texto. Para Figueiredo (2012, p. 124), o realismo predominante hoje valoriza “o envolvimento do narrador com o fato narrado, isto é, a falta de distanciamento e a intimidade da abordagem, tomadas como prova de sinceridade – o que permitiria ao leitor ou expectador aproximar-se das verdades particulares, parciais”. Essa postura marca, por exemplo, grande evolução nas estruturas narrativas, abrindo espaço para uma produção ainda mais plural.

Na ficção contemporânea, percebem-se frequentemente construções que fogem aos antigos padrões eurocêtricos clássicos. Hoje existe um espaço bastante diversificado, ocupado por sujeitos diversos, que falam de lugares distintos, aproximando a escrita das suas vivências. Não apenas os indivíduos são múltiplos, os lugares também. A abertura a essa variedade de falas fez com que o romance moderno, ao invés de adotar uma postura impessoal, através da utilização da terceira pessoa, optasse pela primeira, visando uma intimidade maior de quem fala com o conteúdo narrado e com a forma de narração.

Segundo Figueiredo (2012, p. 122):

A prevalência da primeira pessoa na ficção caminhará junto com a crescente afirmação de um tipo de realismo, que, na esteira do olhar antropológico, recupera a categoria do real pelo viés do registro do depoimento do outro, isto é, do excluído, das minorias, recorrendo, muitas vezes, ao testemunho.

A partir dessa perspectiva, esse novo realismo não assume um caráter puramente objetivo, a busca pela fidelidade dos fatos não é mais o ponto chave e nem se justifica

como um fim.¹ Se é que podemos falar em credibilidade dos fatos, ela explica-se muito mais pela legitimidade do lugar de onde se fala e não pela objetividade absoluta. Esse novo espaço no literário, que vem dando lugar e voz às classes periféricas e tipos marginalizados, tem sido responsável pela visibilidade do suburbano em meio aos tipos sociais já consagrados e privilegiados.

Assim, a categoria de ficção passa a ser impregnada por uma nova ideia que se mostra contraditória, a de que os limites entre o real e o ficcional constituem uma linha tênue. Para Figueiredo (2012, p. 130), a ficção “situa-se, paradoxalmente, num lugar incômodo: parece estar em toda parte, ‘contaminando’ as instâncias do real, mas, por isso mesmo, vem sendo colocada sob suspeita”. Sob esse aspecto, a evidência do realismo no século XXI parece empenhar-se em restituir as diversas experiências que nos fazem reconhecer as múltiplas possibilidades de ser e estar no mundo, refletidos em nós mesmos e no outro. De maneira complementar a esse pensamento, e expandindo a percepção sobre o realismo na literatura do século XXI, Schøllhammer (2012) afirma que:

é certo que o “novo realismo” se expressa na vontade de alguns escritores e artistas de relacionarem sua literatura e arte com a realidade social e cultural em que emerge, trazendo esse contexto para dentro da obra, esteticamente, e situando a própria produção artística como sua força transformadora (SCHØLLHAMMER, 2012, p. 124).

A literatura enquanto arte, através da palavra, apresenta-se potencialmente capaz de intervir na realidade em que é concebida. O realismo, entretanto, assume diversas facetas na contemporaneidade, o que não quer dizer, necessariamente, que ele sempre estará em prol de uma escrita engajada. No caso de *As coisas que perdemos no fogo* (ENRIQUEZ, 2017), os contos que compõem a obra mesclam histórias que enveredam entre a realidade empírica a realidade intratextual, que toma a primeira como matéria para a sua construção.

São narrativas que provocam inquietações e que nos deslocam do lugar comum, levando-nos aos espaços mais sórdidos da Argentina. Revelam-se ali as mazelas do país, onde Enriquez, demonstrando proximidade, navega pelos horrores da violência, pobreza, abandono e drogas. Nos textos surgem questões emergentes, não só do país da escritora,

¹A discussão sobre realidade e literatura, que perpassa conceitos caros à teoria literária como os de mimese, verossimilhança e representação, ganha, com Barthes (2004) e o seu conceito de Efeito de real e Iser (1996) com a sua proposta de um Como se, para ficarmos com poucos exemplos, novos desdobramentos. Para uma compreensão de como o texto literário produz o seu universo de realidade, conferir as referências supracitadas.

e que durante muito tempo foram negligenciadas pela literatura por representarem o feio e o deselegante, como se não fizessem parte da realidade social em que nos encontramos imersos.

O conto analisado aqui navega por profundas questões sociais e de caráter representativo, revelando uma certa opacidade no tratamento do tema central – a violência contra a mulher – por meio de sua ficcionalização, uma vez que a problemática vem sendo alvo de intensas discussões, visto o grande número de ocorrências em casos reais por todo o país. Adiante serão discutidos de forma mais enfática os temas que envolvem a produção e os traços que o realismo se propõe a representar na escrita literária.

A VIOLÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Entendendo a literatura como parte do social, é impossível deixá-la à margem de seu contexto de produção. Se é verdade que atualmente as sociedades enfrentam uma série de problemas relacionados ao convívio com o meio e com o outro, a violência provavelmente é uma das principais desgraças que destroem as relações pessoais e a harmonia entre os indivíduos. Nas produções literárias contemporâneas, a representação da violência, nas suas mais diversas formas, choca e, ao mesmo tempo, mostra facetas da vida real que ganham poder simbólico através do discurso literário.

Para Souza, a violência trata-se de

uma ação que simplesmente não considera a outra pessoa, ou melhor, a considera como uma coisa, numa relação em que o outro não fala e se torna um objeto. Ela não precisa ser necessariamente de ordem física, também se manifesta em seu aspecto psicológico, ou simbólico, em suas formas sutis e quase imperceptíveis (SOUZA, 2007, p. 47).

Partindo desse ponto de vista, é interessante notar que não apenas o aspecto físico configura as manifestações de violência representadas na literatura. Os tempos recentes estão permeados por uma onda de violência que se relaciona não só ao contexto do qual a escritora faz parte, uma vez que a violência é um problema que está presente e crescendo em todo o mundo. Assim, crimes são motivados por diversos fatores, entre eles os de ódio, por questões financeiras, provocados pela discriminação e preconceito, como os racistas, de homofobia, contra gênero e ainda os de ordem religiosa. Fora esses,

existem ainda uma série de elementos motivadores da violência, mesmo que sem razões ou justificativas aparentes.²

Ainda que tema frequente na escrita literária, a linguagem que apresenta a violência ainda causa certo desconforto ao público leitor. As imagens que se constroem acerca das narrativas assustam e chocam muitos leitores, que por muitas vezes desavisados, sentem-se incomodados. Dessa forma, cabe à arte literária o exercício de sensibilizar o tema diante do público que, por sua vez, parece, na realidade, consentir com a ocorrência de práticas de tal natureza. Sobre a sensibilidade que a literatura se propõe a promover, Ginzburg (2013) aponta os seguintes questionamentos:

Como fazer a sociedade reagir emocionalmente à violência social, com sensibilidade, sem que isso seja conduzido por segmentos conservadores da mídia, que se comportam de modo neurótico e obsessivo? Como fazer com que a vida cultural não seja dominada por instâncias hegemônicas interessadas em compactuar com a continuidade da violência? (GINZBURG, 2013, p. 24).

Partindo dessas colocações, entendemos que a literatura é provavelmente um dos poucos instrumentos de compreensão da própria realidade que pode nos fazer romper com essa percepção espontânea do real. Por esta via, a presença da violência representada na escrita literária permite uma abordagem de forma que a distância comum de se esperar por parte do leitor em relação ao conteúdo seja rompida e a apatia seja transformada em empatia, para que assim elevemos nossa concepção e sensibilidade no que diz respeito a questões sociais e éticas com as quais estamos em convívio direto, mesmo que de forma indesejada. Também é essencial para que possamos reagir, sobretudo, aos diversos tipos de violência.

A QUESTÃO DO REALISMO E DA VIOLÊNCIA EM AS COISAS QUE PERDEMOS NO FOGO

O conto “As coisas que perdemos no fogo” é um caso exemplar que revela importantes questões sociais que se fazem representadas através da arte literária, deixando-se perder a nitidez que distingue realidade e ficção, principalmente por abordar uma problemática que de fato se fez presente e preocupante em seu contexto de produção, a primeira década do século XXI, em consonância com a realidade vivida em Buenos Aires - Argentina. A narrativa é marcada pelos rastros da violência que acometem a vida

²Conferir Silva e Assis (2020) para um estudo sobre violência e autorrepresentação na literatura. Revista X, v. 17, n. 3, p. 1124-1140, 2022.

real e que é representada através do texto. Em específico, essa narrativa nos apresenta sujeitos que surgem de posições opostas: o violento e o violentado.

O conto é responsável por concluir o ciclo de narrativas que se fazem presentes no livro e, resumidamente, conta a história de mulheres que foram vítimas de violência doméstica, cometidas pelos próprios parceiros. A principal forma de atentado contra essas mulheres é a queima de seus corpos, quando à noite, enquanto dormem, seus companheiros ateavam fogo a seus corpos vivos. Como forma de combater tais práticas que cada vez mais as atingiam, diversas mulheres decidem se unir e criar fogueiras com o objetivo de se queimarem e, assim, através da desfiguração pelo fogo, apagar de si os rastros da beleza que atraíam os homens.

A primeira personagem que nos é apresentada é apenas conhecida como “a garota do metrô”, uma mulher deformada pelas chamas, e que todos os dias pregava em trens e iniciava sua história cumprimentando as pessoas com um beijo, na maioria das vezes rejeitada por repugnância à sua aparência:

A primeira foi a garota do metrô [...]. Tinha o rosto e os braços completamente desfigurados por uma queimadura extensa, completa e profunda. A boca sem lábios e o nariz pessimamente reconstruído; restava-lhe só um olho, o outro era apenas um pedaço de pele pessimamente reconstruído... (ENRIQUEZ, 2017, n. p.).

Ao descrever-nos a aparência física da garota, o narrador já expõe, antes de mais nada, a violência sofrida pela vítima, que carrega consigo marcas da indiferença alheia. As profundas cicatrizes não seriam capazes de ser apagadas, nem do corpo e nem da mente, e disso a garota tem consciência, o que nos é revelado quando o narrador descreve o motivo pelo qual ela pedia dinheiro nos metrô:

Quando pedia dinheiro, deixava tudo muito claro: não estava juntando para cirurgias plásticas, não tinham sentido, nunca retomaria seu rosto normal, sabia disso. Pedia para seus gastos, para o aluguel, a comida — ninguém lhe dava trabalho com o rosto daquele jeito, nem em empregos onde não fosse preciso vê-la. E sempre, quando terminava de narrar seus dias no hospital, nomeava o homem que a havia queimado: Juan Martín Pozzi, seu marido. (ENRIQUEZ, 2017, n. p.).

A passagem acima nos revela o quanto a vítima de violência passa despercebida pela sociedade. Ainda mais, demonstra a exclusão, evidenciando que a sociedade compactua com a continuidade da violência, ao não romper com a tradição que se mantém em nossa realidade cotidiana. É a partir do trecho que também somos apresentados à

história de vida da garota: fora queimada pelo marido. Toda a motivação do ato deveu-se ao fato de que a mulher não se sentia mais confortável ao lado do esposo e queria se separar. Ciumento e possessivo, ele jamais aceitaria a situação, quando então toma a decisão de queimar a mulher. No que diz respeito à representação da violência, através da literatura:

a leitura de textos literários, sabemos há muito tempo, é capaz de romper com percepções automatizadas da realidade. Se estamos habituados a ver as coisas de modo pautado por parâmetros opressores, em razão de circunstâncias hostis, a leitura pode deslocar os modos de percepção (GINZBURG, 2013, p. 24).

O narrador em terceira pessoa é um elemento indispensável para situar o leitor diante das situações de violência contra a mulher, relatadas no conto: “Ele achava que ela o enganava e tinha razão: pretendia abandoná-lo. Para evitar isso, ele a arruinou, que não fosse de mais ninguém, então. Enquanto ela dormia, jogou-lhe álcool na cara e aproximou o isqueiro” (ENRIQUEZ, 2017, n. p.). O narrador, que apresenta os pormenores dos acontecimentos, nos relata, ainda, que enquanto a moça se encontrava desacordada no hospital, Pozzi, seu marido, colocou a culpa do acidente nela mesma e todos acreditaram. Apenas mais tarde é que a versão da moça traz a verdade à tona.

Mascarando ou não os fatos apresentados na ficção, o mesmo acontece com grande frequência na realidade cotidiana, a palavra do homem sempre é levada em conta. Tal aspecto parece nos confirmar uma certa relação de poder ainda existente na sociedade, em que “o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque macho deve dominar a qualquer custo; e mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu ‘destino’ assim determina” (SAFFIOTI, 1999, p. 88).

Adiante somos apresentados a duas novas personagens que integrarão parte do movimento das mulheres, Silvina e sua mãe. Segundo a voz que narra, a garota do trem talvez não tenha sido a desencadeadora do projeto, mas, certamente, ela fora responsável por levar a ideia até a família de Silvina. Lucila, que era modelo, bonita, famosa e bem-sucedida, também faz parte da história e é a grande responsável pela expansão das fogueiras, como era chamado o movimento pelas mulheres. Casada com um famoso jogador de futebol, por nome Mario Ponte, Lucila aparentemente deveria levar uma vida feliz e tranquila. Contudo, sua vida não é essa. Logo somos apresentados ao trágico e violento episódio que relata a morte da modelo.

O drama chegou numa madrugada, quando tiraram Lucila de maca do apartamento que compartilhava com Mario Ponte: tinha 70% do corpo queimado, e disseram que não ia sobreviver. Sobreviveu uma semana. [...] ele a queimara durante uma briga. Assim como aconteceu com a garota do metrô, Mario esvaziara uma garrafa de álcool em cima de Lucila - estava na cama — e depois jogara um fósforo aceso no corpo nu. Deixara-a arder uns minutos e a cobrira com uma colcha. Depois chamara a ambulância. Dissera, a exemplo do marido da garota do metrô, que havia sido ela a culpada. (ENRIQUEZ, 2017, n. p.).

Também sob a perspectiva da memória de Silvina, que tivera ciência da morte de Lucila através dos noticiários e jornais, temos o relato sensível, porém cruel, de mais um crime motivado pela incapacidade do homem de aceitar o poder de escolha da mulher. Mais um caso de feminicídio se confirma e soma-se uma vida a mais ceifada pela violência doméstica. A exposição do fato possivelmente poderá causar comoção ao leitor, que, diante de tamanha atrocidade, tende a solidarizar-se com a situação, apontando para suas ocorrências na realidade, mesmo que por meio da ficção.

O agente da violência parece não ter a mínima preocupação com as consequências do ato que pratica. Parece haver a certeza da impunidade em relação ao crime cometido, ele espera que a sua versão dos fatos seja aceita sem maiores justificativas, pois dá ares de que a mulher aparenta ser instável a ponto de atentar com facilidade contra a própria vida. Sobre esse aspecto, segundo Moreira (2017):

ainda existe um julgamento amplamente difundido acerca da experiência feminina. Na visão do senso comum, a mulher é associada ao sentimentalismo ao invés da racionalidade, e suas preocupações são costumeiramente taxadas de limitadas, triviais ou pouco importantes. E, de fato, seria improvável que o âmbito literário fosse imune à influência desse universo de discurso (MOREIRA, 2017, p. 12).

Presenciamos, portanto, a verossimilhança construída pelo texto literário em relação à própria realidade física em que vivemos. Nesse sentido, a mulher é representada em toda a sua essência física, emocional, afetiva, etc., e essa intencionalidade na representação é certamente estratégica, porque assim o texto se coloca diante do leitor como produto da própria vivência humana. É importante ressaltar que apesar dos acontecimentos serem descritos principalmente pelo narrador, a construção da própria narrativa trata de conferir “veracidade” aos fatos, uma vez que todos eles vieram a público, com provas que os legitimavam. Na criação literária, assim, conforme aponta Tânia Pellegrini:

Estetizar a violência tem sido, na verdade, criar condições excitantes para a velha fruição de um mórbido deleite; mais uma vez o terror e a piedade, a atração e a repulsa, a aceitação e a recusa reforçam os estereótipos em que o pobre e o feio sempre aparecem como risco e ameaça, pois sua contextualização histórica e social desaparece (PELLEGRINI, 2008, p. 49).

Dialogando com o exposto, a estética da violência, embora impactante e às vezes aparentemente inconveniente, se revela como um trabalho necessário à própria literatura que, entre tantas funções, assume também o compromisso com o social, quando por meio da linguagem artística pode resgatar aquilo de mais precioso para o homem, a sua humanidade, o olhar empático e atitude reflexiva perante a arte e a vida.

No universo narrativo de Enriquez, muitas mulheres foram queimadas para que o evento das fogueiras (onde as mulheres se queimavam propositalmente) começasse:

Homens queimavam namoradas, esposas, amantes, por todo o país. Com álcool a maioria das vezes, como Ponte (de resto, o herói de muitos), mas também com ácido, e num caso particularmente horrível a mulher tinha sido atirada em pneus que queimavam no meio de uma estrada por causa de algum protesto de trabalhadores (ENRIQUEZ, 2017, n. p.).

Na construção do relato acima, a violência, assim como em outros momentos, é colocada da maneira mais intensa possível. A própria linguagem torna demasiado o sofrimento e o ato violento. As descrições acontecem de forma gradual, com a intensidade da dor provocada pela violência se agravando gradualmente, desde queimadas com álcool até chegar ao nível das mulheres serem submetidas ao fogo junto a pneus de borracha em chamas.

À medida em que os casos de mulheres queimadas pelos maridos aumentam, Silvana e sua mãe se mobilizam junto a outras mulheres, incluindo a garota do trem, para protestar contra a situação: “Foi difícil admitir a existência das fogueiras. Mesmo agora, que havia uma fogueira por semana, ninguém sabia o que dizer nem como detê-las [...] Foram necessárias muitas mulheres queimadas para que comessem as fogueiras” (ENRIQUEZ, 2017, n.p.).

As mulheres ardentes cresciam em número, unidas e com um objetivo bem definido, a garota que pregava nos metrô expressa a nova ordem: “- Se continuarem assim, os homens vão ter que se acostumar. A maioria das mulheres vai ser como eu, se não morrer. Seria ótimo, não? Uma beleza nova” (ENRIQUEZ, 2017, n. p.). Entre as

mulheres que organizavam as queimadas, estava Maria Helena, amiga da mãe de Silvana, mulher forte e que dirigia um hospital clandestino destinado a cuidar das mulheres que iam às fogueiras.

Numa de suas falas mais expressivas, em que dialoga com Silvina, Maria afirma a necessidade de tais atos, da escolha por este caminho tão radical: “- As queimas são feitas pelos homens, menina. Sempre nos queimaram. Agora nós mesmas nos queimamos. Mas não vamos morrer; vamos mostrar nossas cicatrizes” (ENRIQUEZ, 2017, n. p.). Por mais que seus protestos estivessem dando certo, ainda havia um empecilho. As pessoas não acreditavam que as mulheres de fato estavam fazendo aquilo consigo mesmas. Foi quando Silvina sugeriu a filmagem e o registro do momento de uma das fogueiras, para que o ato fosse divulgado na internet e elas ganhassem credibilidade em suas decisões.

Ao escrever o conto, é possível que a intenção da autora tenha sido tecer críticas e chamar a atenção para uma determinada realidade que se fez/faz parte de seu cotidiano. As suas personagens femininas representam a ela e a uma causa da qual também faz parte. Portanto, é importante chamar a atenção para o assunto da violência, especialmente a de gênero, dentro de obras e dos estudos literários. O conto traz as mulheres como protagonistas. Elas passam a se violentar, ferem a si mesmas. Ferem seus corpos e sua privacidade, mas isso é feito como resposta a um histórico de violências e impunidades. Foi necessário tornar público as manifestações por seus próprios corpos, pelo fim de um ciclo. Observa-se que “falar de uma estética de violência supõe delimitar os parâmetros dos interesses de contemplação da agressão, fratura, mutilação e destruição dos corpos, no interior das vivências artísticas” (GINZBURG, 2013, p. 2).

Assim, a exposição de cenas de violência, embora possam ser impactantes, são necessárias porque despertam no leitor a desnaturalização da violência, e desautomatiza percepções que às vezes foram normalizadas pela vida cotidiana em sociedade. Na narrativa, o fenômeno das queimadas acontecia sempre em lugares distantes, no campo, longe da fiscalização, pois as autoridades já providenciavam medidas para acalmar a situação. Mas, para tornar ainda mais real e reafirmar a intenção de continuar com suas escolhas, Silvina filma a queimada de uma das garotas que se voluntariara:

Filmou tudo: as mulheres preparando a pira, com enormes galhos secos das árvores do campo, o fogo alimentado com jornais e gasolina até alcançar mais de um metro de altura. [...] Naquela noite, postou o vídeo na internet. No dia seguinte, milhões de pessoas o tinham visto (ENRIQUEZ, 2017, n. p.).

Uma vez que as autoridades agora confirmavam as práticas e condenavam a escolha pessoal de cada uma das mulheres em se sacrificar, pois os meios não justificariam a finalidade, ideia válida principalmente pela perspectiva masculina, já que o controle sobre o outro funciona como instrumento de dominação, a narrativa ganha contornos em que todas as mulheres passam a ser perseguidas, vigiadas e violadas em sua privacidade. Os relatos seguem promovidos por violências de ordem psicológica e simbólica:

Os juízes expediam ordens de invasão policial com muita facilidade e, apesar dos protestos, as mulheres sem família ou que simplesmente andavam sozinhas pelas ruas ficavam sob suspeita: a polícia as obrigava a abrir a bolsa, a mochila, o porta-malas do carro quando queria, em qualquer momento, em qualquer lugar. A repressão teve efeito contrário: de uma fogueira a cada cinco meses — registrada: com mulheres que iam aos hospitais normais — passou-se ao estado atual, de uma por semana (ENRIQUEZ, 2017, n. p.).

Não se deixando intimidar e mostrando-se mais espertas que seus perseguidores, as mulheres sempre conseguiram despistá-los, de forma que os rituais não fossem descobertos e impedidos: “[...] as mulheres conseguiam muito bem arranjar maneiras de escapar da vigilância. Os campos continuavam sendo enormes e não podiam ser examinados por satélite constantemente” (ENRIQUEZ, 2017, n.p). A fuga dos olhares do outro e a persistente ideia de confronto em relação à figura masculina, personificam o desejo de romper com determinantes históricos que sempre subalternizaram essas mulheres e que estruturaram as violências a que foram submetidas por muito tempo:

A violência cometida contra a mulher é um fenômeno histórico que dura milênios, pois a mulher era tida como um ser sem expressão, uma pessoa que não possuía vontade própria dentro do ambiente familiar. Ela não podia sequer expor o seu pensamento e era obrigada a acatar ordens que, primeiramente, vinham de seu pai e, após o casamento, de seu marido (RITT; CAGLIARI; COSTA, 2014, p. 15).

Sobre as marcas físicas da autoviolência, o narrador descreve: “não saía nunca o cheiro de carne humana queimada, muito difícil de descrever” (ENRIQUEZ, 2017, n.p). Aqui, percebemos que a sinestesia é o principal recurso responsável pela sensação provocada no leitor, que é capaz de imaginar a dimensão das queimaduras que se dão pelo forte cheiro. Também se destaca a hipérbole, comuns nos excessos de algumas cenas e descrições, mas propositalmente arquitetadas. Satisfeitas por poderem se mostrar tal

qual haveriam de estar muitas esposas queimadas por seus maridos, as mulheres que se autoincendiavam começaram a aparecer para a sociedade.

as primeiras sobreviventes tinham começado a se mostrar. A pegar ônibus. A comprar no supermercado. A pegar táxis e metrô, a abrir contas de banco e tomar um café nas calçadas dos bares, com as caras horríveis iluminadas pelo sol da tarde, com os dedos, às vezes sem falanges, segurando a xícara. Será que lhes dariam trabalho? Quando chegaria o mundo ideal de homens e monstros? (ENRIQUEZ, 2017, n. p.).

O fragmento acima, apesar de carregado pelo horror, nos revela uma forte crítica social e uma busca intensa: a quebra com os padrões de beleza estabelecidos pela sociedade, em especial, aqueles que os homens tanto buscam na mulher com a qual pretendem se casar. Haveria de caber algum espaço para a beleza interior? Apenas a fachada seria suficiente para construir uma boa relação, sendo ela amorosa ou não? Refletir sobre essas questões se faz necessário, e a literatura promove a reflexão, mesmo que não seja sua intenção primeira. Numa perspectiva semelhante, Ginzburg (2013, p. 24) afirma: “o acesso a questionamentos sobre a violência por meio da literatura permite romper com a apatia, o torpor, de um modo importante. Textos literários podem motivar empatia por parte do leitor para situações importantes em termos éticos”. Portanto, a literatura pode ser um potente instrumento em prol de reflexões sobre problemas que se encontram enraizados na sociedade, tais como o da violência contra a mulher. O potencial criativo da palavra pode despertar a sensibilidade adormecida ou mesmo desenvolver tal sensibilidade naqueles que por motivos diversos a tenham perdido. É a literatura como instrumental de formação humana.

De toda forma, as mulheres ardentes ainda não haviam sentido que aquele era o momento de parar. Ao final do conto, vem à tona uma referência ao fato histórico da inquisição, quando mulheres “bruxas” eram caçadas e julgadas. Nesse gancho, a narrativa não encerra a continuidade das queimadas, uma vez que Maria Helena afirma a Silvina: “- Algumas meninas dizem que vão parar quando chegarem ao número da caça às bruxas da Inquisição” (ENRIQUEZ, 2017, n. p.).

Uma crítica social à educação também é revelada através da passagem onde Helena, já presa, confessa a Silvina e sua mãe que as companheiras reclusas desconhecem o fato histórico, quando citado por ela. “Não conseguem acreditar, não sabiam nada sobre os julgamentos de bruxas, percebem? A educação neste país foi para o cacete” (ENRIQUEZ, 2017, n. p.).

A narrativa é visivelmente impregnada de realismo, com diversas críticas sociais que se voltam especialmente ao contexto de sua produção. Sempre atenta aos problemas que envolvem seu país natal, a Argentina, Mariana Enriquez se mostra sensível a diversas problemáticas que estão refletidas em sua obra. Através de uma busca sobre o contexto de violências reais no país, verificou-se que, de fato, entre os anos de 2010 e 2012, houve um grande número de casos envolvendo assassinatos de mulheres, por parte de seus parceiros, que as queimavam vivas.

Sites de notícias como o G1, O Globo, Estadão Internacional, entre outros, confirmam a notável ocorrência de casos reais de feminicídio, na Argentina, de forma muito semelhante aos que são dispostos na ficção:

Segundo a ONG, 53 mulheres foram queimadas por seus parceiros ou ex-companheiros depois do assassinato dessa mesma forma, em fevereiro de 2010, de Wanda Taddei, a jovem esposa de Eduardo Vázquez, ex-baterista de uma popular banda de rock argentina, a Callejeros. Ele foi condenado em julho a 18 anos de prisão. “A cada três dias, duas mulheres são assassinadas por serem mulheres, na maioria dos casos por seu companheiro ou ex-companheiro. Vemos a necessidade de capacitar os magistrados, porque o Poder Judiciário é patriarcal, e conscientizar os cidadãos”, disse a juíza da Suprema Corte de Entre Ríos (centro-este), Susana Medina, presidente da Associação de Mulheres Juízes da Argentina (AMJA). (G1, 2012).

=

O dia internacional das mulheres está tendo na Argentina um sabor amargo, já que desde o início deste ano 13 mulheres foram queimadas por seus cônjuges/namorados/ex-maridos/amantes. Destas, apenas quatro sobreviveram. O fenômeno está chamando a atenção, já que em todo 2010 o número de mulheres queimadas por homens foi de 11, volume que já estava causando grande preocupação no ano passado. (ESTADÃO, 2011).

Karina Abregu é uma das vítimas da violência e conta que sobreviveu graças à ajuda de uma organização não governamental (ONG), que juntou doações em dinheiro e paga a advogada dela. Karina foi queimada com álcool pelo marido. Ela teve 55% do corpo queimados. “Passei seis meses em terapia intensiva e fui despedida do trabalho”, disse. “Tive que me mudar para a casa da minha irmã porque meu ex-marido continuava passando na porta de casa me seguindo. Ele só ficou na cadeia 33 dias. Depois foi solto para esperar o julgamento em liberdade.” (JORNAL OPÇÃO, 2015).³

³Os links abaixo referem-se às fontes das notícias citadas:

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/08/assassinatos-de-mulheres-chocam-a-argentina.html>

<https://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/das-pioneiras-as-incineradas-politica-e-violencia-com-mulheres-na-argentina/>

<https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/argentinos-saem-as-ruas-de-buenos-aires-para-protestar-contra-o-feminicidio-37308/>

Dessa forma, é possível inferir que provavelmente os fatos sociais influenciaram na escrita da autora e, portanto, verificam-se traços realistas contemporâneos na literatura. Concluindo as discussões promovidas, e corroborando a tese aqui apresentada, tem-se a seguinte fala da autora Mariana Enriquez, extraída de uma entrevista concedida ao portal O Globo, sobre a obra que fora objeto do artigo:

- Todas as situações dos contos, esses personagens, essas experiências dos rincões da cidade são bastante próximas de mim. Buenos Aires é uma cidade muito linda, espetacular, não é tão fácil ver seus cantos obscuros. Mas, se você vive aqui, não é difícil identificá-los. A Argentina é um país com crises econômicas cíclicas. A cada dez anos, mais pessoas são marginalizadas — afirma Mariana, em entrevista ao GLOBO por telefone de Buenos Aires, onde mora. (O GLOBO, 2017).⁴

Diante da diversidade de produções literárias no contexto contemporâneo, é preciso estarmos atentos aos fatores que influenciam e configuram a forma e linguagem desses textos. Novos realismos se incorporaram a essa arte e, assim sendo, o real que permeia a vida social acaba por se refletir na ficção, trazendo consigo, através da representação, questões emergentes - como é o caso da violência, em seus mais diversos contornos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

ENRIQUEZ, Mariana. **As coisas que perdemos no fogo**. [e-Book Kindle]. Tradução de José Geraldo Couto. 1ª. ed. Rio de Janeiro – RJ, Editora Intrínseca, 2017. Não paginado.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. Novos realismos, novos ilusionismos. In: MARGATO, Isabel; GOMES, Renato Cordeiro (org.). **Novos Realismos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. (p. 120- 132).

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2013.

⁴O link a seguir refere-se à fonte de onde foi retirada a fala da entrevistada:
<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/contos-sobre-violencia-politica-marcam-estreia-de-mariana-enriquez-no-brasil-21482731>

ISER, Wolfgang. **O Fictício e o Imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

MENDES, Fábio Marques. **Realismo e violência na literatura contemporânea**. Os contos de Famílias terrivelmente felizes, de Marçal Aquino [recurso eletrônico]. 1ª ed. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

MOREIRA, Lucianne Christina Fasolo Normândia. **Ser mulher**: a representação da condição feminina e a loucura em O Limiar de Susan Glaspell. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 110. 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/55998>. Acesso em: 27 abr. 2022.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. In DALCASTAGNÈ, Regina (Org). **Ver e imaginar o outro**: alteridade, desigualdade, violência na Literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Horizonte – SP, 2008.

RITT, Caroline Fockink; CAGLIARI, Cláudia Taís Siqueira; COSTA, Marli Marlene da. **Violência cometida contra a mulher compreendida como violência de gênero**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s.d. Disponível em: http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigo_violencide%20genero. Acesso em: 22 abr. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. “Já se mete a colher em briga de marido e mulher”. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo: Fundação SEADE, v. 13, n. 4, p. 82-91, out./dez. 1999. pp. 82-91.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Do efeito ao afeto. In: MARGATO, Isabel; GOMES, Renato Cordeiro (org.). **Novos Realismos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. (p. 133-143).

SILVA, Keury Carolaine Pereira da; ASSIS, Emanuel Cesar Pires de. Self-representation, violence and periphery in Capão pecado. **Linguística y Literatura**, v. 41, n. 78, p. 385-404, 2020.

SOUZA, Valmir de. Violência e Resistência na Literatura Brasileira. In: **Os sentidos da violência na literatura**. São Paulo: LCTE Editora, 2007.

Recebido em: 04 fev. 2022.

Aceito em: 23 mai. 2022.